

Para Simonsen, a indexação é o maior problema econômico

Da sucursal de
SALVADOR

Ao proferir uma palestra ontem, em Salvador, seguida de debates, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen afirmou que “desde o início da década de 1970 a economia mundial vem respondendo aos novos desafios e transformações com uma série de improvisações casuísticas”.

“Os diferenciais de taxas de inflação e a quebra da conversibilidade do dólar destruíram o sistema de paridades cambiais fixas consagrado em Bretton Woods, abrindo espaço para a instável flutuação das principais moedas internacionais”, continuou.

“As incertezas quanto ao futuro curso dos preços desmontaram o mercado de títulos a longo prazo e juros fixos, sujeitando devedores e credores ao regime das taxas flutuantes. Após o primeiro choque do petróleo, o Fundo Monetário Internacional foi marginalizado e o sistema bancário privado encarregou-se de transferir, em volumes sem precedentes, os saldos dos países superavitários para os deficitários”, observou. “No campo doutrinário, os monetaristas e os ‘supply-siders’ conseguiram, com o prestígio das oposições não testadas, destronar o longo reinado dos keynesianos. E os choques de oferta castigaram duramente as economias indexadas, mostrando quão importante é a flexibilidade de salários e preços em períodos de transformação.”

JUROS

“As receitas para baixar a taxa de juros, que obviamente descartam a ingenuidade dos tabelamentos, também enfrentam as mesmas dificuldades. É claro que os juros baixariam se o governo eliminasse o IOF, reduzisse o compulsório, suprimisse as restrições quantitativas à expansão do crédito bancário e baixasse o

piso de todas as taxas, a do ‘overnight’ no mercado aberto.”

“Como tomar essas medidas sem fazer explodir a base monetária é questão que só encontra uma resposta, a preferida do eminente professor Octávio Bulhões: cortar, de um golpe, todos os subsídios, mas como fazer esse corte numa economia cujo sistema de indexação transforma altas corretivas de preços em inflação permanente, eis uma charada sem solução”, prosseguiu Simonsen.

“O emprego é a outra vítima. Espremidas entre o aperto das receitas numa época de contenção da demanda e os custos financeiros e salariais, as empresas não têm alternativa que não diminuir seus quadros de pessoal.”

“Em suma, montamos um sistema de indexação profundamente stagflacionista, com fulcro na lei salarial. Não há mago de finanças que, nessas condições, crie um final feliz para a atual crise brasileira. Os chamados ‘ministros da área econômica’, se cometeram seus descuidos no passado, estão tentando o melhor possível na situação atual. Mas não lhes é dado o poder de operar milagres. As alternativas que se enunciam, como a moratória unilateral e o desenvolvimento do mercado interno são mistificação de quem não compreende que a dependência externa vem das importações e não das exportações. E que não há mercado interno ou moratória que faça jorrar o petróleo de que precisamos para sobreviver”, acentuou.

“O Brasil tem dois caminhos a escolher. Um é aprender as lições da experiência internacional e não insistir em sistemas que o mundo já abandonou. Outro é fechar-se nas próprias tradições e preconceitos e acabar reinventando a roda. A escolha cabe aos políticos e espero que a História os identifique com P malúsculo”, afirmou.